
MARTA: O DRAMA DE UMA LIBANESA EM GIBRAN

Cristiane Brito de Oliveira¹

RESUMO: Neste artigo apresento uma síntese da análise do conto *Marta, de Ben* de Khalil Gibran, tendo como objetivo destacar a influência da memória ao longo do percurso da protagonista, pontuando os preconceitos sofridos pela mesma, na cultura libanesa, no início do século XX, na narrativa de Gibran pode-se ler a representação da realidade enfrentada por mulheres humildes daquela região.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Oriental. Orientalismo. Memória. Opressão. Literatura Árabe Moderna. Preconceito.

An-Nahda: O renascimento da literatura árabe.

Primeiramente devo esclarecer que não há uma correspondência direta da literatura árabe com a ocidental, no que tange ao que entendemos como gêneros literários e seus períodos, ou seja, não teremos na literatura arábica um período barroco, romântico e etc. Até o século VII a poesia era o gênero dominante naquela região. Com o advento do Islã a literatura no mundo árabe foi adotada principalmente nas formas administrativas e religiosas. Assim, no período que vai do século VII até o século XIX, aproximadamente, temos certa decadência literária no mundo árabe. (Vernet, 1965)

O movimento de revitalização da literatura arábica é iniciado no Egito, chamado em árabe de An-Nahda (النهضة – O Renascimento), neste período as formas ocidentais do conto e do romance começaram a ser preferida frente às formas tradicionais da literatura árabe, dando-se início da literatura moderna naquela região. No Líbano, por exemplo, somente com o fim do império otomano após a primeira guerra mundial, e com a separação do território da Síria do Líbano, em 1920, é que a literatura árabe-libanesa recomeçou a florescer. Foi a partir deste novo estilo literário os autores na Síria, Líbano e Egito criaram obras originais unindo o estilo usado



nos maqamas¹clássicos e a prosa. Desta maneira os romances, contos, novelas e etc., tornaram-se populares graças à clareza da linguagem utilizada, a estrutura simples e a vívida imaginação dos autores, neste período Gibran Khalil Gibran(جبران جبران خليل) ganhou destaque por incorporar inquietudes filosóficas às suas obras.

Uma vidaconturbada

Gibran Khalil Gibran nasceu no Líbano em 1883 na aldeia de Bsharri (بشري) publicou em vida ao todo dezesseis livros, (oito em árabe e oito em inglês) e teve mais três livros pulicados postumamente. Conhecido no ocidente como Khalil Gibran, ou simplesmente Gibran, abordou temas como o amor, a amizade, a morte, e a natureza entre outros, sua obra literária é marcada pelo misticismo oriental, com acentuado romantismo influenciado por fontes de aparente contraste como a Bíblia, Nietzsche e William Blake. Suas obras expressavam as inclinações religiosas e místicas do autor, seu título mais conhecido é “O Profeta”.

Gibran teve uma vida muito conturbada com idas e vindas entre ocidente e oriente, além de diversas tragédias familiares. Já na esfera profissional realizou-se, pôde dedicar-se a sua arte exercendo-a plenamente como ensaísta, prosador, poeta e pintor. Gibran morreu em Nova York, no ano de 1931 aos 48 anos.

Apesar da notoriedade de sua obra, pouco se fala sobre um tema recorrente na literatura de Gibran: a mulher. Através de histórias simples ele recria formas de opressão a que eram submetidas as mulheres na sociedade libanesa do início do século XX. Abordando de maneira intensa as situações cotidianas vividas principalmente pelas libanesas humildes, o escritor tinha, em sua obra, uma maneira de denunciar e se rebelar contra o sistema autoritário e machista que subjugava suas compatriotas à época. Pode-se notar o sentimento de revolta contra a sociedade

¹Mestre em Poética e Especialista em Língua Árabe pela UFRJ. Doutoranda em Literatura Comparada na UFRJ. E-mail: cristiaboliveira@yahoo.com.br.

² Maqama (مقامات) provavelmente criado pelo escritor árabe al-Hamadānī (الحماداني) na segunda metade do século X. O gênero narrativo das maqamas caracteriza-se pelo estilo divertido dos contos, combinação de verso e prosa, e pela abundância de recursos estilísticos formando uma prosa rimada. A Maqama (مقامات) aborda um gênero entre a ficção e não ficção através de narrações curtas que são ficcionalizações de situações da vida real. Nela também se faz uso da doutrina de badi (بديع), ou seja, acrescentar deliberadamente complexidades para poder demonstrar a habilidade do escritor com a língua.

libanesa no conto *Marta, de Benque* está inserido na obra *Ninfas do Vale*, publicada no ano de 1906. *Marta, de Bené* a estória de uma mulher que foi seduzida na adolescência por um desconhecido e em seguida é abandonada grávida. Então torna-se prostituta para sustentar o filho que fica órfão quando a mãe morre na miséria.

Doas cidades: uma vida.

No conto de Gibran a memória é fundamental para o entendimento da trama, pois já na primeira parte temos uma narração resumida da vida de Marta, contudo o narrador se exime de qualquer envolvimento na seguinte afirmação: “Tais foram os fatos que me foram contados sobre Marta (...)”. (Gibran, s.d.). É através da narrativa dos fatos ocorridos com a menina, que poderemos entender a imagem que é atribuída à mulher que se desvia do caminho considerado correto, segundo a cultura difundida entre as pessoas daquela região, no início do século XX.

Na narrativa os acontecimentos são relatados com a interferência direta dos princípios que estão impregnados na cultura libanesa. Não era porque a história de Marta era popular que era verdade, mas é inegável que ganha ares de veracidade justamente por causa de sua notoriedade. Segundo Halbwachs (1990), duas pessoas, por exemplo, se lembrarão de um mesmo evento, contudo cada uma terá um detalhe para acrescentar, o ponto de vista individual atribuirá a gradação à história, já que os convencionalismos serão transmitidos por todos os participantes, se não na mesma intensidade, pelo menos muito próximo.

Assim, quando confronto a versão popularmente conhecida, na qual Marta mostra-se leviana, com a contada por ela própria, repleta de detalhes pessoais, posso notar todo o preconceito existente em relação não só a mulher, mas também a correspondência existente de um estereótipo largamente difundida: o da mulher seduzida que deverá ser desgraçada, banida ou morta.

Por isso, concluo que se a memória coletiva daquela comunidade tem sua identidade baseada na lembrança de seus membros, não devemos esquecer que a massa da lembrança comum, mesmo apoiada uma sobre a outra, não aparecerá com a mesma intensidade para cada um dos indivíduos que participaram ou não do episódio. Desta maneira, a recordação do ocorrido com Marta é distinta para cada um dos habitantes da aldeia onde ela vivia. E será mais diversa ainda para os moradores de Beirute. Desta forma a mesma história possuirá pontos de vista compartilhados pelo coletivo, mas que serão modificados conforme o lugar aonde ela for recontada. Sendo

assim, a trajetória de Marta será corrigida e reorientada na lembrança do grupo no qual estiver sendo inserida para que possa ser incorporada culturalmente.

Lembranças da infância

Segundo Halbwachs (1990) nossas recordações da infância são iniciadas a partir do momento em que nos tornamos um ente social. É na família que temos o primeiro contato em sociedade, nela estamos inseridos e dela jamais saímos. Contudo, no conto de Gibran, a protagonista desfruta desta realidade de maneira fragmentada, pois seus pais falecem em períodos diferentes. Refletindo sobre o fato de a família fornecer o primeiro contato com a vida em sociedade, penso que tipo de quadro social Marta pôde construir em sua cabeça infantil, já que só conhece a morte e a pobreza.

Assim se uma criança que é abandonada ou afastada de sua família, ainda consegue evocar lembranças de infância, a mesma será evocada por causa da ausência deste grupo social, já que a primeira evocação de lembrança que temos é ligada a família, Halbwachs (1990). Portanto, para Marta, a família não será algo ininterrupto, será sim uma estrutura facilmente decomposta e por isso não será necessário criar laços com quem a está acolhendo. Por isso, ao longo do conto, tanto na versão dela quanto na versão do narrador, a família do protetor não exerce influência na conduta da menina, pois ela não mantém laços afetivos com a mesma.

Na casa do homem que a acolheu, Marta realiza a tarefa para qual foi designada, levar a vaca ao pasto, enquanto é criança não se afasta do casebre onde é abrigada, contudo ao entrar na adolescência, encaminha-se para locais mais distantes. Como noção tem uma figura feminina para lhe orientar, ela segue por intuição, totalmente despreparada e sem grandes perspectivas. Na trajetória da menina, a família nada mais é que a lembrança de perda, dor e abandono, sentimentos que deveriam ser visitados somente em idade adulta. O cotidiano de pobreza e solidão induzirá Marta à continuação, mesmo inconsciente, de sua realidade; o que se reflete em suas relações com o filho.

Desilusão

Para Halbwachs (1990) a duração de uma lembrança é limitada pela magnitude dos fatos, ligados ao sentimento nutrido no momento em que ocorre determinado evento, assim como, também está ligada ao que o indivíduo sentia por uma pessoa ou determinado grupo na ocasião. A relação entre a emoção do indivíduo

e o acontecimento, será o diferencial na lembrança. Na ordem das relações afetivas, por exemplo, onde a imaginação desempenha importante papel, aquele que amou mais recordará as declarações, promessas e até gestos do outro, contudo o que foi o objeto de amor não conservará quase ou nenhuma recordação. Ou seja, um estava muito menos engajado do que o outro nessa sociedade que repousava num sentimento desigualmente dividido.

No conto criado por Gibran, temos uma situação parecida; Marta, ainda na adolescência é bruscamente lançada à maturidade. Se, num primeiro momento, o sentimento de transgressão era prazeroso, pois se afastando da casa do protetor tomava para si as rédeas da própria vida. Em um segundo momento, a inconsequência de sua atitude (ficar à beira do rio sozinha num local quase deserto), poderia ser interpretado erroneamente, por quem ali estivesse de passagem. E foi exatamente o que ocorreu quando o desconhecido abordou Marta. Ele entendeu a permanência dela ali como um convite erótico. Assim, na versão contada pelos habitantes de Beirute, ela partira com um homem sem nada perguntar ou esboçar qualquer resistência, mesmo sendo ele desconhecido. Estes eram os fatos contados, não necessariamente os verdadeiros.

No entanto, é através do depoimento de Marta que se pode depreender que a recordação se individualiza. Na memória das pessoas da fictícia Beirute, ela se portara como amoral, pois se entregara a um completo desconhecido. Já no testemunho de Marta; serão acrescentados elementos desconhecidos pela comunidade (ela é oriunda da aldeia de Ben e os fatos são narrados em Beirute). É Marta quem acrescenta detalhes daquele encontro que escapam a todos e que só a ela diem respeito. Nem mesmo o homem que participou fisicamente do episódio poderia ter ciência. Ou seja, ele participou do evento, mas, para ele não teve significado algum; tanto é assim que depois de seduzi-la, ele a desampara grávida, sem recurso em local ermo. Para o desconhecido, aquela história acabou ali. Porém, para Marta aquele episódio será recordado a todo instante na figura do filho que viria a conceber.

Enfim: uma Libanesa

O que torna o relato de Marta interessante é sua impotência, pois não pode se defender e tampouco culpar o desconhecido, já que culturalmente como mulher ela é o objeto de desejo, e acredita-se instintivamente que domine o jogo da sedução, ou seja, se foi seduzida é por sua própria culpa. Aqui afirmo que a protagonista tão somente corresponde a um estereotipo da camponesa órfã seduzida e abandonada; contudo ela

não é mais uma inocente camponesa, tornar-se-á mãe, e assim como se espera deverá fazer sacrifícios pelo filho.

Enfim, a menina agora mulher se torna prostituta e deverá sofrer sozinha todas as consequências de sua tentativa de romper com a vida que para ela nada oferecia. E assim Marta assume para si não só o estereotipo, mais também o que se concebe para o gênero feminino, o que permanece fora do discurso e que pode desestabilizar qualquer representação. (DE LAURETIS, 1994)

No caso de Marta, por exemplo, ela representa os atributos sociais por conta de seu gênero que é feminino, é e subentendida na totalidade dos mesmos, que aqui seriam, no caso dela, a passividade e a libertinagem. Desta forma, ela passa a constituir tanto seu gênero quanto o processo que corresponde a sua representação.(OLIVEIRA, 2006). Enfim, no caso de Marta, sendo ela de origem humilde, logo, deveria ser levemente sexual e, tornar-se prostituta.

Finalmente, se o termo gênero nada mais é que categorização ou classificação de um grupo social, então pode-se entender que ele constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades constituídas. Aqui, Marta é avaliada por esse prisma. Percebo que o gênero atribui a uma pessoa uma posição dentro de uma classe, representando a relação social do indivíduo por meio dela. O sistema de sexo-gênero é tanto uma construção sociocultural, quanto um aparato semiótico, um sistema de representações que atribuem significados a indivíduos dentro de uma sociedade. Esta representação construída é aceita, absorvida, naturalizada e reforça a teoria de que a memória também é constituída por preconceitos e princípios culturais.

Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner – 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Gibran. Ninfas do vale: Marta, de Ben. Tradução de Mansour Challita. In: **O amor na vida e na obra de Gibran**. Rio de Janeiro: ACIGI, s. d., p. 100-103.

DE LAURETIS, Teresa. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de, Org. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206 - 208.

HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent León Schaffter. São Paulo: Vértice Editora, Revista dos Tribunais, 1990.

OLIVEIRA, Cristiane Brito de. **Representações da Mulher Oriental: Orientalismo e Literatura**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SOARES, Angélica. **Transparências da memória estórias de opressão: diálogos com a poesia brasileira contemporânea de autoria feminina**. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2009.